

SUBJETIVIDADES “NÔMADES” PRODUZINDO “OUTROS ESPAÇOS” NA CIDADE DE CUIABÁ/MT.

Ana Maria de Souza - UNEMAT

Estudos realizados recentemente sobre as cidades da Amazônia, de uma forma geral, e mais diretamente sobre as cidades de Mato Grosso, apontam para a existência de uma população nômade, desterritorializada, que se desloca entre as áreas de mineração, as fazendas e as cidades, em constante procura de maneiras de sobreviver.¹ Essa mobilidade produz algumas figuras exemplares desses deslocamentos, expressas através de designações como *peões de trecho*, *trecheiros*, *andarilhos* e *pés-inchados*.

Procuro apresentar uma reflexão seguindo os modos de vida de homens e mulheres, denominados como *trecheiros*, que circulam pela cidade de Cuiabá/MT, a partir da década de noventa do séc. XX.

Sem lugar para morar, com pouco ou nenhum dinheiro, criam alternativas que se desviam dos usos tradicionais dos espaços da cidade. Apropriando-se da rodoviária e praças públicas ou perambulando pelas ruas, articulam hábeis táticas de sobrevivência que sugerem, também, pensar sobre as "brechas", "as linhas de fuga" construídas no sistema de dominação e de controle das instâncias de sociabilidade do espaço urbano.

Abandonar identidades majoritárias: seguir as singularidades itinerantes

É significativa a forma como esses homens e mulheres denominados "trecheiros" utilizam o espaço de passagem e movimento, como o viaduto localizado próximo ao terminal rodoviário de Cuiabá², e o transformam numa "casa".

São ações que jogam com a ordem e a racionalidade urbana instituída que, por sua vez, tenta explicar esses comportamentos de usos não autorizados dos espaços, sob a ótica da desordem e do caos. Existências anônimas, *infames* poderíamos dizer, que recorrentemente adquirem visibilidade através de suportes vários – reportagens,

imagens, informações, arquivos, processos crimes, etc. –, são apreendidas em termos negativos, como uma ameaça associada à doença, à ilegalidade à indisciplina, enfim, ao perigo social.

Pensar outras possibilidades de leituras desses modos de existência na cidade, requer um deslocamento analítico que possibilite problematizar as classificações naturalizantes que tentam se institucionalizar como expressão da verdade social. Nesta perspectiva tomo como uma importante linha de análise as reflexões de Michel de Foucault a propósito da noção de “acontecimentalização”. Tal noção, envolve o procedimento metodológico de romper com as evidências e construir singularidades. Isso implica em subverter as continuidades: onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a uma evidência se impondo da mesma maneira para todos –são perigosos–, trata-se de fazer surgir uma “singularidade” e produzir uma *acontecimentalização*.³ Elaborar possibilidades de problematizar essas “existências em trânsito”, fugindo ao assujeitamento das redes de dominação majoritárias. Tarefa política de fazer emergir processos de subjetivação minoritárias e singulares.

Essa tarefa de suscitar as singularidades encontra ressonâncias nos quadros de uma *ciência nômade, itinerante e ambulante*, tal como a definem Deleuze e Guattari⁴. Ciência que se constitui pelo procedimento de seguir o fluxo dos acontecimentos, dos documentos, da matéria e das falas: *somos de fato forçados a seguir quando estamos a procura de singularidades, quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair delas constantes* .

Passo então, a seguir os fluxos dos relatos que contam sobre os modos de vida de quem se encontra no trecho, seguir as maneiras como inventam formas de inverter as regras normativas e criar modos de existências singulares. Análogos aos acrobatas – cujo sentido original remete à 'arte de dançar sobre a corda' –, *trecheiros, pardais, turistas*

forçados, dizem da arte de viver e de inventar certos instrumentos, equipamentos e tecnologias *minoritárias* com as quais constroem seu território existencial no movimento.

Modos de existências nômades: “o valor das coisas imprestáveis”.

Práticas de reinvenção: a sucata

Contrastando e compondo com a fachada artística do viaduto da rodoviária, cuja pintura expressa os ícones de uma pretensa identidade cultural regional (como a manga e o caju), estão os usos não autorizados que se apropriam do lugar e inscrevem ali seus registros de passagem ou de permanência temporária. Tais registros podem ser apreendidos através dos objetos e do vocabulário usado por essas pessoas em trânsito. Através dos utensílios e produtos da vida cotidiana coexistem os sinais que expressam o caráter precário e provisório desses modos de existência.

Objetos marcados por usos inumeráveis compõem as redes de estadas provisórias: mochila, rede, colchões, fogão feito de tijolos, mesa improvisada entre um balde e uma tábua, um papelão sobre uma pedra como lugar para se sentar e depois para dormir, a faixa de publicidade que se transforma numa rede. Aquilo que é sucata e dejetos descartável pela sociedade do consumo como restos de madeira, latas de tinta, baldes de óleo, bacias velhas, é reinventado em função de fins próprios e imediatos. As paredes riscadas com palavras e imagens registram a passagem, os amores, os encontros. Traçam uma memória da cidade contemporânea em que se entrecruza a arte “legítima” do artista plástico com uma arte cotidiana, *clandestina*, do “viver em trânsito”. Nos relatos, este espaço do viaduto é representado por esses usuários “trecheiros” como um espaço de moradia coletiva, que corresponde a um “sentir-se em casa”.

Pode ter pessoas diferentes aqui, mas a gente já chega e já se integra novamente porque você já conhece o ambiente, você já se sente em casa. Pode ter gente que você nunca viu na vida, mas rapidinho tá todo mundo amigo. É seu ambiente, você se sente em casa né... Faz os amigos na hora e pronto... e assim sucessivamente⁵.

O relato aponta para uma sabedoria adquirida pela experiência de estar em constante deslocamento e que lhe garante um conhecimento do ambiente. Mas, mais que isso, essa sabedoria remete a subjetividades, a modos de existências construídos no aprendizado da inversão e da desnaturalização das coisas e das palavras. Numa situação de extrema pobreza aprendem a *virar do avesso* o obstáculo e a transformá-lo em instrumento de sobrevivência. Subjetividades que invertem os sentidos e as normas prescritas pela moral e as instituições da sociedade burguesa. Inverte-se o sentido da casa, que, no caso, passa a ser o espaço público do viaduto. Subvertem a configuração burguesa de família como célula de base e a inscreve em outra relação que parece funcionar mais como uma *máquina de guerra, um vetor de bando*⁶: aquilo que é familiar e que os fazem sentir-se em seu ambiente é o estranho, é estar junto de pessoas que nunca se viu na vida, é viver com o que é provisório, precário e transitório.

Um outro aspecto sugerido por esse relato é a dimensão produtiva desses corpos “em trânsito” como fatores criativos de modos de existência. Se reapropriam de espaços e constituem-se como sujeitos ativos. Se reterritorializam e positivam a construção do território como por exemplo ao declararem, em relação ao viaduto da rodoviária, que *aqui é nossa casa*. Quando afirmam “aqui é nossa casa”, apontam para uma transgressão nas normas de apropriação do espaço urbano em que a distribuição dos terrenos e residências passa pelo referencial da propriedade privada ou da administração pública. Assim, suas maneiras de viver e seus próprios corpos traçam *linhas de fuga* que não se configuram como uma recusa vazia à ordem estabelecida, mas constróem um território de afirmação positiva. Fazem-nos pensar nas *heterotopias*⁷ de Foucault: invertem e contestam os usos oficiais dos espaços, transgridem e desviam as normas de apropriação, fazendo-os funcionar para outros fins. Enfim, desnaturalizam e dessacralizam as oposições que admitimos como dadas (espaço do lazer e do trabalho, privado e público) e transformam-no em *outros espaços*, híbridos.

Práticas de reinvenção: desviar as palavras e “atrapalhar as significâncias”

O vocabulário empregado é bastante singular, revela a arte de utilizar as palavras, fazendo-as **variar** (jogar com o sentido de *delirar*) de acordo com o interlocutor:

“Trecho” é nós que somos trecheiro, então a gente fala “trecho”. Isso na nossa gíria, mas se a gente conversar com uma pessoa diferente, de fora, que não tem nada a ver... aí a gente não vai falar trecheiro, porque até o nome não é legal. A gente vai falar assim: olha, nós estamos simplesmente passando por uma dificuldade, estamos de passagem na cidade, estamos dependendo da assistência social, do albergue municipal, e a gente tá realmente numa dependência, se a senhora tiver um saquinho de arroz para ajudar a gente, a gente agradece. Mas entre nós é normal.⁸

A utilização do termo “trecho” e da designação de “trecheiro” ganha sentido singular na leitura dos próprios protagonistas. Significados que só podem ser apreendidos por quem compartilha da experiência, e não por quem está de “fora”. Produzem para si um vocabulário que funciona como signos de distinção que marcam a sua condição de estar em trânsito. Ao mesmo tempo, o relato mostra uma esperteza na arte de se utilizar a linguagem, de se colocar bem as palavras neste ou naquele momento, diante deste ou daquele interlocutor. Sabem que, para o sistema social constituído com base nas referências sedentárias da moradia e do trabalho, seu modo de existência não possui legitimidade. Dessa forma, para dirigir-se às pessoas de “fora” ou “diferentes” utilizarão o discurso mais eficaz, que é na verdade uma tática de entrar no discurso corrente e fazê-lo funcionar a seu favor.

A partir do ponto de vista dos circuitos formais de organização da cidade os “trecheiros” é que são vistos como estranhos, como os de fora e diferentes. Entretanto, na perspectiva dos próprios “trecheiros”, ao designarem as pessoas de “fora” ou “diferentes”, para caracterizar aqueles que não compartilham de sua experiência e dos seus modos de

vida, subvertem o significado da imagem que geralmente é construída sobre sua presença na cidade: não são eles que são “diferentes” ou “de fora”.

As entrevistas realizadas mostram um vocabulário específico criado pela experiência singular desses homens e mulheres que se encontram em constantes deslocamentos. *Um idioma criado pelo trecheiro* (como dizem) desterritorializa a transparência e a codificação oficial das palavras e lhes atribui significações desarrumadas. Nesta rede de convivência cotidiana, um repertório de palavras “clandestinas” se esboça: *babosar, xarquear, manqueador, correria, homem-terra, boca-de-espera, viola*, etc. Pode se dizer que produzem heterotopias também com as palavras: desmancham, desarrumam, deformam seus sentidos e significados. Segundo Michel Foucault, *as heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruínam de antemão a ‘sintaxe’, e não somente aquela que constrói as frases – aquela menos manifesta, que autoriza ‘manter juntos’ as palavras e as coisas.*⁹

Desterritorializam a clareza e a lógica das palavras fazendo-as funcionar em outras redes de práticas e significados. São expressões que dão acesso a lógicas sociais e simbólicas desses grupos que circulam pelas cidades da Amazônia. Geralmente reduzidos a vítimas pelas instituições, os protagonistas desses modos de existência são vistos como o “outro” negativo do mundo do trabalho. Entretanto, se prestarmos atenção no vocabulário criado para expressarem suas práticas cotidianas e se comunicarem entre si, encontramos indicações de que num ambiente de adversidades, esses homens e mulheres elaboram ricos saberes e técnicas para lidar com a precariedade e os mecanismos de controle social que lhes são dirigidos.

É exemplar o relato de Waldir ao falar das maneiras astuciosas de se lidar com a repressão policial de que são constantemente alvos. Ele diz:

Em vez de policial investigar peão, peão é que investiga o policial. Porque o peão é mais inteligente que a polícia. É mais inteligente. O peão é. O peão é uma obra do capeta, dona. Quando um policial chega perto de um peão e vai fazer uma pergunta, o peão já sabe o que ele vai perguntar e já sabe até a resposta. O peão é muito inteligente, dona.

Essas capacidades inventivas e inteligentes de se apropriar do discurso policial anunciam maneiras criativas de inverter a aparente fatalidade da ordem estabelecida. Reempregam o discurso policial num sistema de referência particular do “trecheiro”, ou de “peão”. O relato permite dar visibilidade a uma inteligência prática, acionada numa situação particular de perigo, em que se apropriam e alteram as regras de funcionamento da força policial, que representa o espaço opressor por excelência.

Permite, também, reconhecer o uso tático das palavras, dos discursos: fazem dizer outra coisa a partir do que pensava dizer o policial, ou seja, enquanto o policial pensa que está investigando, pelo contrário, está sendo investigado. Ao anunciar que sabe o que a polícia vai perguntar, e já sabe de antemão o que vai responder, estabelece verdadeiras *trampolinagens*,¹⁰ subverte as relações de forças e garante, mesmo que momentaneamente, uma proteção contra a realidade da ordem estabelecida.

Entre as inúmeras palavras “inventadas” para nomear suas práticas cotidianas, a palavra pedir aparece designada a partir de termos como *manguear, babosar, dar um enxarque ou xarquear*. Associado a isso a prática de pedir aparece entrecruzada a táticas reveladoras de verdadeiras astúcias da inteligência, conforme podemos perceber no relato abaixo referindo-se aos termos *viola e violinha*:

Viola ou violinha é a pessoa que a gente carrega junto para pedir. Eu já tive várias mulheres como “viola”. A gente mente que é casado, mas não é. É só para pedir. É uma mentira sem fazer mal. Tem cara que se amiga com uma mulher aí, mas só de araque, com uma criancinha, aí aquela criancinha é apelidada de **viola**, é usada a

criança para pedir. Ele faz de conta que ele é marido dela e que aquela criança é filha dele. Então a criança já tem o apelido de "**violinha**". É verdade [confirma um outro homem que estava chegando] ... é verdade. Tem cara que nunca viu a mulher, encontra ela e fala: que tal, vamos fazer uma **violinha** na guria aí.¹¹

Neste contexto, as palavras *viola* e *violinha* são desviadas de seu uso comum e entram em novos agenciamentos exercendo uma eficácia pragmática para quem vive “no trecho”. Homens e mulheres, inventores desses *delírios verbais*, agenciam entre palavras, corpos e coisas, as *práticas teimosas*, as *contra-condutas* que se mantêm a despeito de todas as tentativas de expulsá-los da cidade. Maneiras de viver que protagonizam a correlação entre produção, criação, estética e os modos de existência.

¹ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. "Cidades de Fronteira". In **Relações cidade-campo:Fronteiras**/ Luiz Sérgio Duarte da Silva, organizador. Goiânia: ed. UFG, 2000, p.183.

² Passarei a me referir apenas como “viaduto da rodoviária”.

³ FOUCAULT, Michel. *Mesa –redonda em 20 de maio de 1978*, in **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 339-341. (Ditos e Escritos; IV)

⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.5, São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 36-43

⁵ Entrevista realizada com Cláudio, embaixo do viaduto da rodoviária, em 16/12/2003.

⁶ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.5, São Paulo: Ed. 34, 1997, p.32

⁷ FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2001. (Ditos e Escritos; III)

⁸ Entrevista realizada com Cláudio, embaixo do viaduto da rodoviária, em 16/12/2003.

⁹ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.8

¹⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 79.

¹¹ Entrevista realizada no viaduto da Rodoviária com Waldir.